

RENDA E SATISFAÇÃO COM A VIDA: UMA ANÁLISE DE DETERMINANTES APLICADA A BRASILEIROS EM 2014¹

João Victor Belisário de Almeida²

André Braz Golgher³

De forma geral, acredita-se que maiores níveis de renda possibilitam maiores níveis de bem-estar. Em contrapartida, estudos da psicologia positiva têm consistentemente demonstrado que níveis mais altos de bem-estar são preditores de maiores rendimentos. Um dos maiores desafios no estudo dessas associações é o problema da causalidade circular que gera endogeneidade. Tendo-se isso em mente, foram analisados os determinantes da renda e os determinantes da satisfação com a vida. Os resultados indicaram que as associações entre satisfação com a vida e renda, e entre rendimento e satisfação com a vida foram significativas apenas em modelos com menor número de controles. Variáveis como nível educacional e independência das atividades profissionais foram significativamente associadas à renda. No caso da satisfação com a vida, variáveis como nível de saúde, religiosidade e controle sobre a própria vida tiveram associações significativas com bem-estar.

Palavras-chave: renda; satisfação com a vida; WVS; Brasil.

INCOME AND LIFE SATISFACTION: AN ANALYSIS OF DETERMINANTS APPLIED TO BRAZILIAN DATA OF 2014

In general, it is believed that higher levels of income enable higher levels of well-being. Conversely, studies of positive psychology have consistently shown that higher levels of well-being are predictors of higher earnings. One of the largest challenges in studies that analyse these associations is the problem of circular causality and endogeneity. Taking this into account, the determinants of income and the determinants of life satisfaction were analyzed. The results indicated that associations between life satisfaction and income and relationships between income and satisfaction with life were significant only in models with a smaller number of controls. Variables such as educational level and independence at professional activities were significantly associated with income. In the case of life satisfaction, variables such as health level, religiosity and control over one's own life had significant associations with well-being.

Keywords: income; life satisfaction; WVS; Brazil.

JEL: I30; I31.

1 INTRODUÇÃO

Nas ciências econômicas, a teoria utilitarista é pautada no conceito de utilidade, e a premissa básica é a de racionalidade dos agentes econômicos. A consequência natural dessa premissa é que os agentes se dispõem a renunciar parte de seu tempo de lazer por mais tempo no mercado de trabalho em busca de maior renda para expandir seu teto orçamentário.

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/ppe55n1art2>

2. Diretor da Bravir Industrial Ltda. *E-mail:* joaovictorbelisario@gmail.com.

3. Professor titular do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). *E-mail:* agolgher@cedeplar.ufmg.br.

Neste texto, busca-se analisar a hipótese de que renda gera utilidade e, portanto, felicidade. Assim, o principal questionamento direcionador deste estudo é: os conceitos de utilidade e de bem-estar são convergentes e/ou correlacionados? A consequência direta da veracidade dessa hipótese seria que indicadores de renda necessariamente deveriam apresentar correlação positiva e significativa com indicadores de bem-estar, e indivíduos com maiores rendas tenderiam, *ceteris paribus*, a usufruir mais bem-estar e felicidade.

Uma série de resultados empíricos indica que tal correlação existe. Em uma meta-análise realizada por Diener e Biswas-Diener (2002), foi identificada na maioria das pesquisas correlação positiva entre renda e bem-estar. Frey e Stutzer (2002) afirmam que a literatura aponta de forma robusta para o fato de que pessoas mais ricas, em média, relatam maior bem-estar subjetivo, até mesmo quando diversos outros fatores são controlados em regressões múltiplas. Alguns estudos, porém, relativizam a força dessa premissa. Diener *et al.* (2002) revelam que a renda tem correlação positiva, porém decrescente, com o bem-estar, o que melhora significativamente apenas o bem-estar das pessoas que vivem no nível de pobreza ou em nações subdesenvolvidas.

Outro conjunto de resultados de fato coloca a veracidade da premissa em cheque. Layard (2003) critica a análise simplória de que mais renda necessariamente gera aumento de bem-estar, dado que as pessoas no ocidente não ficaram mais felizes nos últimos cinquenta anos, mesmo que em média tenham se tornado muito mais ricas. Segundo Diener e Seligman (2004), uma das razões para esses fenômenos seria que anteriormente as pessoas não possuíam todos os bens e serviços para satisfazer suas necessidades básicas; logo, à medida que esse e outros problemas foram sendo minimizados na era pós-materialista, é natural que os indivíduos passem a buscar uma vida satisfatória em diferentes dimensões, em vez de mera sustentação econômica (Seligman, 2002).

Finalmente, há ainda uma grande base empírica de estudos que concorda que correlações entre rendimentos e níveis de bem-estar são significativas, mas aponta que a direção da causalidade é mais relevante, no sentido de a felicidade gerar aumento da renda (Achor, 2011). Diener e Ryan (2009) afirmam que estudos conduzidos em várias partes do mundo apontam que pessoas com maiores níveis de bem-estar subjetivo tendem a ganhar maior renda, *ceteris paribus*.

O principal objetivo deste estudo é uma investigação da associação entre os níveis de renda e os níveis de bem-estar subjetivo para o contexto brasileiro. A base de dados utilizada foi o World Value Survey (WVS) de 2014, a mais recente com dados disponíveis quando essa pesquisa foi confeccionada.

Como é possível supor, um dos maiores desafios no estudo dessa associação é o problema da causalidade circular, o que gera endogeneidade, uma vez que

possivelmente os efeitos são retroalimentados e caminham nos dois sentidos. Esse aspecto é incorporado nas análises empíricas.

Este estudo se organiza da maneira a seguir. Após esta introdução, discussões teóricas relevantes são apresentadas na seção 2, na revisão bibliográfica. A seção 3 detalha a parte metodológica do estudo. A seção 4 apresenta a análise descritiva dos resultados. A seção 5 mostra os resultados dos modelos econométricos. Por último, apresenta-se a conclusão.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Equações de rendimento

Mincer (1974) modelou a distribuição dos rendimentos individuais, ao usar as ferramentas econométricas da teoria do capital neoclássico e criar o que posteriormente foi nomeado de equação de ganhos minceriana. O objetivo básico era obter alguma compreensão das distribuições observadas e das estruturas de ganhos entre os trabalhadores provenientes de informações sobre a distribuição de investimentos em capital humano. Nessa equação, os rendimentos foram inicialmente determinados a partir de variáveis explicativas representadas por anos de escolaridade e anos de experiência pós-escolar. O autor obteve uma especificação econométrica simples, tratável e parcimoniosa. A prova é que sua função de ganhos foi aplicada em inúmeros contextos com bastante sucesso (Lemieux, 2006; Polacheck, 2008).

Entretanto, Heckman, Lochner e Todd (2006) afirmam que, embora razoavelmente ajustado para dados anteriores ao Censo Demográfico dos Estados Unidos de 1970, o modelo minceriano não é capaz de fornecer estimativas nem aproximadamente válidas das taxas de retorno à educação a partir da década de 1970. Uma das razões seria que o ambiente estável da época de elaboração do modelo original deu lugar a um ambiente muito mais dinâmico, fazendo com que a contabilização da não estacionariedade dos ganhos ao longo do tempo tenha efeitos empiricamente importantes sobre as taxas estimadas de retorno à escolaridade. Outra crítica foi que o modelo negligencia determinantes importantes dos retornos reais, como os custos diretos e indiretos da escolaridade, os impostos, a duração da vida profissional e a incerteza sobre retornos futuros quando as decisões escolares são tomadas.

Tendo em vista essas críticas, estudiosos modelaram os ganhos individuais utilizando uma combinação entre as variáveis independentes do modelo minceriano original com outras variáveis que poderiam melhorar o ajuste da regressão dos ganhos. O estudo de Polacheck (2008), por exemplo, indicou que os perfis de ganhos diferem por sexo e cor de maneira sistemática tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra.

Em particular para a realidade brasileira, Cangussu, Salvato e Nakabashi (2010) discutiram resultados encontrados por pesquisas empíricas anteriores e ajustaram novas estimações do retorno marginal da educação. Em nível nacional, o retorno médio de um ano adicional de escolaridade foi estimado em torno de 15%. O resultado foi considerado pelos autores como não surpreendente, dada a baixa dotação do capital humano em relação aos outros fatores de produção no Brasil. Vaz (2009) estimou fatores que potencialmente explicavam a desigualdade de rendimentos do trabalho entre 2004 e 2008 e demonstraram que a escolaridade, a raça, a idade, o sexo e a região de residência eram variáveis relevantes. Vilela *et al.* (2008) indicam que cor e gênero eram importantes para explicar o diferencial de rendimentos. No entanto, os autores verificaram que as gerações mais jovens estavam ingressando em um mercado de trabalho mais igualitário. A despeito de a maior parte da desigualdade de renda entre os indivíduos do país ser explicada por diferenciais de atributos pessoais como educação, as disparidades regionais de renda permanecem elevadas até mesmo quando as influências de tais atributos são controladas (Silveira Neto e Campelo, 2003). A respeito do setor de emprego, os empregados do setor público tendem a ter rendimentos superiores aos dos trabalhadores do setor privado, inclusive quando se comparam trabalhadores com atributos semelhantes (Souza e Medeiros, 2013).

2.2 Felicidade e bem-estar

O conceito de felicidade foi objeto de estudo de uma vasta quantidade de campos do conhecimento, tais como a filosofia, a biologia e a religião (Achor, 2011; Kahneman, 1999; Levine, 2011; Seligman, 2002). Entretanto, o foco desse estudo é a psicologia positiva, e uma descrição da área é apresentada a seguir.

Durante as primeiras décadas do século XX, os psicólogos focaram seus estudos em processos e estados psicológicos negativos, buscando compreender as causas, as consequências e as possíveis intervenções para os transtornos mentais (Urry *et al.*, 2004). Segundo Diener, Scollon e Lucas (2009), um ponto de inflexão nesse campo de estudo ocorreu em Jahoda (1958), com uma mudança paradigmática nas concepções de saúde mental, ao incluir estados mentais saudáveis e positivos nos estudos.

A teoria da felicidade autêntica de Seligman (2004) exemplifica o estudo das pessoas clinicamente normais, com ênfase no estudo sobre o que torna as pessoas felizes e quais são as possíveis intervenções positivas para maximizar o bem-estar geral. O autor aponta para três componentes distintos da felicidade, que juntos constituem a “vida plena”. O primeiro é a *pleasant life*, que consiste na busca de sentimentos positivos, complementada pela habilidade de amplificar tais emoções. O segundo componente é a *good life*, que está intimamente ligada ao conceito de *flow*. Esse conceito, segundo Csikszentmihalyi e Nakamura (2014), diz respeito ao estado psicológico que acompanha atividades altamente envolventes,

nas quais o indivíduo perde a noção de tempo e espaço, tamanha a atenção focada na atividade. O *flow* difere-se do prazer percebido pela *pleasant life*, porque a pessoa não tem a percepção explícita de prazer. O terceiro componente, a *meaningful life*, significa uma vida com propósito ou significado; o emprego de forças e virtudes a serviço de algo percebido com tendo um sentido maior que a própria existência (Seligman, 2002). Os três componentes são positivamente correlacionados, distinguíveis, não incompatíveis e, portanto, podem ser perseguidos simultaneamente.

Nessa linha de estudo, Brickman, Coates e Janoff-Bulman (1978) propuseram a teoria da adaptação. Mudanças recentes nas circunstâncias da vida aumentam apenas temporariamente o bem-estar subjetivo de um indivíduo, antes que este se adapte à nova condição e retorne ao padrão anterior de bem-estar. A adaptação, porém, tem seus limites, uma vez que existem alguns acontecimentos ruins que nunca superamos, ou aos quais nos adaptamos muito lentamente (Seligman, 2002). Essa teoria pressupõe que exista os *set points* individuais – ou seja, um nível de bem-estar individual de equilíbrio.

Diferentemente, de acordo com a teoria da comparação social, uma pessoa utiliza outras pessoas como padrão de comparação, o que significa que uma pessoa experimentará maior bem-estar se estiver melhor que as que estão em sua volta (Michalos, 1980). Por exemplo, Easterlin (1974) sugeriu que a quantidade de renda que satisfará as pessoas depende da renda de outros em sua sociedade. Emmons e Diener (1985) concluíram que a comparação social era um forte preditor de satisfação com a vida.

Baseados nessas teorias, diversos trabalhos identificaram os determinantes do bem-estar, sendo estes divididos em quatro grupos: genética e traços de personalidade; relações afetivas e sociais; eventos e circunstâncias; e atividade intencional. No que concerne à genética, estudos realizados por Magnus e Diener (1991) demonstraram que gêmeos idênticos são consideravelmente mais semelhantes entre si em níveis de bem-estar do que gêmeos fraternos. Com relação aos traços de personalidade, de acordo com Achor (2011), as pessoas mais bem-sucedidas são aquelas que possuem a crença de que suas ações têm efeito direto sobre os resultados. Pessoas felizes, segundo Lyubomirsky, King e Diener (2005), são caracterizadas por um senso de domínio e controle pessoal.

As relações afetivas e sociais também são importantes entre os determinantes do bem-estar. Segundo Nunes (2005), o conceito de extroversão refere-se à quantidade e à intensidade das interações interpessoais e da capacidade de alegrar-se. A extroversão é positivamente correlacionada à suscetibilidade do indivíduo ao bem-estar. Segundo DeNeve e Cooper (1998), os resultados de pesquisas realizadas indicam que o bem-estar subjetivo elevado é consistentemente correlacionado com altos níveis de sociabilidade e qualidade das relações afetivas. Segundo Diener e Ryan (2009), a

análise das interações diárias das pessoas e dos efeitos dos seus respectivos laços sociais demonstra que as relações são um fator causal de bem-estar subjetivo. O estudo de Anderson e Arnoult (1985) aponta que a solidão percebida é fortemente ligada à depressão. Pessoas religiosas, e principalmente aquelas com maior participação em atividades religiosas, tendem a experimentar maior bem-estar, o que pode ser vinculado a sentimentos de significado, propósito, pertencimento e esperança (Seligman, 2002).

Segundo Bolier *et al.* (2013) e Seligman (2002), a felicidade é fortemente correlacionada com o que eles chamaram de atividade intencional: a forma que um indivíduo regula suas emoções positivas e eleva o nível de bem-estar intencionalmente.

Além desses pontos discutidos anteriormente, fatores sociodemográficos também são incluídos como determinantes do bem-estar. Os níveis relativos de bem-estar entre os sexos indicam que mulheres e homens não diferem substancialmente em termos de bem-estar subjetivo médio (Diener *et al.*, 1999). Frijters e Beaton (2012) observaram que não existem indícios significativos de aumento ou redução dos níveis de felicidade entre pessoas de 20 a 55 anos de idade, após os quais a felicidade começa a aumentar até os 67, seguida por um declínio bastante acentuado por volta dos 75 anos. Uma possível explicação para esse comportamento seria que o estresse da vida tende a se reduzir depois dos 60 anos de idade e que, por sua vez, há fortes deteriorações da saúde após os 75 anos. Com relação a esse último tópico, Røysamb *et al.* (2003) estimam que as pessoas que percebiam sua saúde como boa tendiam a ser mais felizes.

Por fim, estudos mostram níveis mais altos de bem-estar das pessoas casadas em comparação com as solteiras, as divorciadas e as viúvas (Diener *et al.*, 1999). Porém, Diener e Suh (2003) argumentam que dados longitudinais demonstraram que as pessoas se adaptam rapidamente ao casamento e retornam aos seus níveis anteriores de bem-estar. Uma explicação para esse fenômeno seria que pessoas com alto nível de satisfação com a vida têm, *a priori*, maior tendência a casar e experimentar o casamento de maneira positiva.

2.3 Associações: renda e felicidade

2.3.1 Hipótese 1: renda gera felicidade

Frey e Stutzer (2002) afirmam que a literatura empírica de estimação da relação entre renda e felicidade aponta de forma robusta para o fato de que pessoas mais ricas, em média, relatam maior bem-estar subjetivo, até mesmo quando um grande número de outros fatores é controlado. Diener e Biswas-Diener (2002) revelam que a renda tem relação positiva, porém decrescente com o bem-estar, o que melhora significativamente o bem-estar das pessoas que vivem no nível de pobreza, mas deixa de ter relevância em níveis mais altos de renda.

Easterlin *et al.* (2010) demonstram que, em determinado país, as pessoas com maiores rendimentos são mais propensas a relatarem maiores níveis de felicidade. Apesar disso, as comparações internacionais revelaram que os níveis médios de felicidade de países com renda suficiente para atender às necessidades básicas da população não demonstravam relação positiva com sua renda média, e, embora os rendimentos *per capita* tenham aumentado nas últimas décadas, a média de felicidade não apresentou essa tendência. Tais contradições foram intituladas de *paradoxo de Easterlin*.

É possível traçar um paralelo entre esse paradoxo e as teorias de adaptação e comparação discutidas anteriormente. Uma hipótese que pode explicar a estagnação dos níveis de bem-estar, apesar do aumento das condições materiais, é a de que, como defende a teoria da adaptação, mudanças recentes nas circunstâncias da vida aumentam apenas temporariamente o bem-estar subjetivo de um indivíduo antes que ele se adapte e retorne ao padrão anterior. Com o acúmulo de bens materiais, as expectativas aumentam, e os bens adquiridos não trazem aumento duradouro de felicidade (Seligman, 2002). Outra hipótese vem da teoria da comparação social, segunda a qual o que importa para o bem-estar dos indivíduos não são os níveis individuais absolutos de riqueza e bens materiais, mas sim os níveis relativos. Dessa forma, apesar de a riqueza geral ter se elevado, em vários países também houve, concomitantemente, aumento da exposição das condições de vida das pessoas de alta renda, o que pode ter relação com a estagnação dos níveis médios de bem-estar.

2.3.2 Hipótese 2: felicidade gera renda

Segundo Diener e Biswas-Diener (2002), a maioria das pesquisas relata correlações positivas entre renda e felicidade. Lyubomirsky, King e Diener (2005) sugerem que parte da explicação desse fenômeno pode ser vinculada à influência que o sucesso, incluindo-se o financeiro, exerce sobre a felicidade. Entretanto, pesquisas longitudinais sugerem que essa não é a explicação completa, porque a felicidade muitas vezes precede os resultados financeiros bem-sucedidos. Em um estudo com jovens adultos australianos, aqueles que se descreveram felizes durante determinado período tiveram maior probabilidade de aumentar sua renda posteriormente (Marks e Fleming, 1999). Diener *et al.* (2002) observam que os estudantes mais felizes no primeiro ano de faculdade tinham maior renda dezesseis anos depois. No estudo de Lyubomirsky, King e Diener (2005), a afetividade positiva no final da adolescência mostrou-se uma boa preditora de resultados como independência financeira, realização profissional e autonomia no trabalho na idade adulta jovem.

Existe na literatura uma ampla gama de explicações para tais resultados. Muitas destas estão relacionadas com o desempenho profissional das pessoas mais felizes. O estudo de Staw, Sutton e Pelled (1994), por exemplo, indicou que indivíduos com alto bem-estar subjetivo têm maior probabilidade de mostrar desempenho e

produtividade superiores e, conseqüentemente, de serem avaliados de forma mais positiva pelos seus supervisores. Thoresen *et al.* (2003) argumentam que trabalhadores felizes e satisfeitos apresentam melhor desempenho no trabalho, bem como têm menores taxas de absenteísmo e rotatividade.

3 METODOLOGIA

3.1 Base de dados

O WVS⁴ tem como objetivo estudar valores, crenças e motivações das pessoas e seu conseqüente impacto social, político e econômico nas sociedades. Este consiste em pesquisas com um questionário uniforme, já realizadas em quase cem países. Os questionários são respondidos presencialmente na própria casa dos entrevistados, e a amostragem de cada país deve ser representativa do número de pessoas com mais de 18 anos, homens e mulheres, que residem em domicílios particulares.

As perguntas do questionário compreendem desde questões econômicas, demográficas e sociais, até sobre crenças e valores das pessoas, e várias destas apresentam relação direta com a bibliografia citada na seção anterior. Por isso, o questionário do WVS foi considerado a melhor base de dados disponível para a investigação pretendida neste estudo.

A base de dados utilizada nesse estudo será o WVS para o Brasil, em 2014. O tamanho da amostra foi de 1.486 indivíduos. Como não existe uma resposta sobre rendimentos individuais, a renda familiar mensal foi utilizada como *proxy*. Para reduzir a diferença entre a renda individual e a familiar, foram excluídas as pessoas que não recebiam o maior salário da casa e/ou as que não estavam trabalhando. Além disso, também foi feito um filtro de idade, para manter na amostra as pessoas com idade ativa de trabalho: 25 a 64 anos de idade. Após tais filtragens, a quantidade de observações do estudo caiu para 316, das quais sete não continham informações para todas as variáveis e foram suprimidas.

3.2 Variáveis dependentes

Visto que o objetivo principal deste estudo é investigar a associação existente entre os níveis de renda e os níveis de bem-estar subjetivo para brasileiros, as variáveis dependentes definidas foram *nível de renda* e *nível de satisfação com a vida*.

3.2.1 Nível de renda

A variável dependente usualmente utilizada em regressões mincerianas é o rendimento do indivíduo. Neste estudo, a variável disponível era a de renda familiar, que, até

4. Disponível em: <http://www.worldvaluessurvey.org>.

mesmo com os ajustes amostrais realizados, tende a gerar correlações mais fracas em comparação com os estudos empíricos que utilizam rendimentos individuais. Essa variável situa subjetivamente a renda familiar em uma escala de um a oito, na qual um indica o grupo de rendimento mais baixo e oito, o grupo de rendimento mais alto no Brasil.

É importante realçar o caráter subjetivo dessa resposta. A título de comparação, em estudos que utilizam a base de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE), as informações de renda familiar são descritas em valor monetário.

3.2.2 Nível de satisfação com a vida

Lyubomirsky, King e Diener (2005) argumentam que muitos estudos consideraram a satisfação com a vida como um indicador de bem-estar. Isso porque, nos casos em que não existam medidas mais diretas de felicidade, a satisfação com a vida é uma *proxy* que tende a ter alta correlação com a felicidade crônica. Essa variável tem sete níveis, em que um quer dizer *completamente insatisfeito com a vida* e sete, *completamente satisfeito com a vida*.

É importante realçar que no banco de dados da WVS também existe uma variável explicitamente sobre felicidade, cuja pergunta é – em geral, o(a) sr.(a) se considera uma pessoa: infeliz, não muito feliz, feliz, ou muito feliz? Como essa pergunta tem menos categorias de respostas que a variável satisfação com a vida, optou-se por utilizar esta última porque as variáveis são altamente correlacionadas e, também, devido à estratégia empírica.

3.3 Variáveis explicativas

As variáveis explicativas do modelo foram definidas com base na literatura já descrita. Primeiramente, descrevem-se as variáveis explicativas que foram usadas na equação de renda e na equação de satisfação com a vida. Depois, apresentam-se as variáveis explicativas que foram exclusivamente utilizadas na primeira dessas equações e, em seguida, discutem-se as variáveis explicativas que foram exclusivamente utilizadas na segunda dessas equações.

3.3.1 Variáveis explicativas utilizadas na função renda e na função satisfação com a vida

Três variáveis explicativas são utilizadas tanto na equação de renda como na equação de satisfação com a vida e aparecem constantemente em estudos com equações mincerianas, assim como em análises sobre os determinantes do bem-estar: sexo, idade e estado civil.

O sexo foi definido como uma variável *dummy* (1 – homem; 0 – mulher). A expectativa é que a renda varie positivamente a favor dos homens (Vaz, 2009).

No que concerne à satisfação com a vida, os níveis relativos de bem-estar entre os sexos indicam que mulheres e homens não diferem substancialmente em termos de bem-estar subjetivo médio (Diener *et al.*, 1999). Entretanto, tal variável é muito utilizada em estudos de bem-estar, sendo assim adicionada aos modelos.

O modelo minceriano clássico utilizava a variável experiência pós-escolar. No entanto, essa variável apresenta muitos *missings* na base de dados utilizada. Portanto, optou-se por usar a variável idade como *proxy* de experiência pós-escolar. As respostas de idade foram agrupadas nas seguintes faixas: 25 a 29 anos (referência); 30 a 34 anos; 35 a 39 anos; 40 a 44 anos; 45 a 49 anos; 50 a 54 anos; e 55 a 64 anos. Foi, dessa forma, obtida uma variável categórica de sete níveis. A expectativa é de correlação positiva e significativa entre idade e renda para a maioria das faixas etárias, uma vez que o grupo mais jovem é a referência. No que concerne à satisfação com a vida, com base na pesquisa realizada por Frijters e Beaton (2012), a expectativa é que não haja diferença significativa no nível de satisfação até os 54 anos de idade, após os quais haveria um aumento até os 64, que é a idade máxima do banco de dados utilizado.

A terceira variável é o estado civil, sendo essa variável uma *dummy* (1 – casado ou morando junto; 0 – demais estados civis). Dada a seleção amostral, é razoável supor que as pessoas casadas ou que moram com o(a) parceiro(a) tenderiam a ter maior nível de renda familiar mensal, uma vez que a renda do parceiro poderia agregar rendimento à família do indivíduo entrevistado. Portanto, a expectativa é que os indivíduos casados ou que moram juntos tenham maiores rendimentos. A respeito da relação entre estado civil e bem-estar, o estudo de Lucas *et al.* (2003) aponta que pessoas casadas experimentam, em média, níveis mais altos de bem-estar subjetivo que pessoas não casadas.

Outras três variáveis foram incluídas em ambas as equações; porém, estas aparecem constantemente apenas como determinantes do bem-estar. Decidiu-se incluí-las em ambas as equações, pois tiveram correlação com a renda em análises univariadas. Essas variáveis são associadas à saúde do indivíduo, à importância dada à família e à confiança nas pessoas.

Com relação à saúde autopercebida, foi obtida uma variável categórica de três níveis: ruim/razoável (referência), boa e muito boa. Entre adultos, as pessoas que percebem sua saúde como boa ou muito boa tendem a ser também mais felizes (Røysamb *et al.*, 2003). Além disso, espera-se que pessoas mais saudáveis sejam mais produtivas e, assim, tenham maior renda.

De acordo com Diener e Ryan (2009), as relações sociais são um fator causal de bem-estar subjetivo. Nesse quesito, a importância atribuída à família foi utilizada como *proxy* de qualidade da relação com a família. Obteve-se uma variável *dummy*: 1 – a família é muito importante; e 0 – a família não é muito importante.

Espera-se correlação positiva com bem-estar. Além disso, acredita-se que pessoas que deem mais importância para a família se preocupem com o bem-estar de todos no domicílio e busquem expandir as restrições orçamentárias.

Ainda com relação aos efeitos dos laços sociais, em particular no que concerne à confiança nas pessoas, foi criada uma variável ordenada de quatro níveis, em que um significa que as pessoas tentam levar vantagem sobre as demais e quatro, que as pessoas tentam ser justas. Em geral, pessoas que confiam mais nos demais tendem a apresentar níveis mais altos de bem-estar. Além disso, maior confiança nas pessoas também pode ter um efeito de diminuir os custos de transição, pois se aumenta a efetividade das relações econômicas e a renda.

3.3.2 Variáveis explicativas da função renda

Esta subseção apresenta as variáveis explicativas que foram usadas exclusivamente na equação da renda, sendo estas constantemente utilizadas em equações mincerianas.

Com relação à raça, foi criada uma variável *dummy* (1 – branca; 0 – negra). As raças indígena e oriental foram omitidas por conterem apenas uma observação cada. As raças *negra* e *morena ou parda* foram agrupadas em *negra*. A expectativa aqui é que a renda varie positivamente a favor dos brancos.

A variável educação é uma variável categórica de quatro níveis: fundamental incompleto (referência); médio incompleto; médio completo; e superior incompleto e completo. Logo, a expectativa para este estudo é que os rendimentos sejam maiores para cada aumento do nível educacional alcançado.

É possível supor que quanto maior for a independência das atividades do trabalho, mais o indivíduo toma decisões e, conseqüentemente, maior tende a ser sua relevância para sua organização. Com isso, a expectativa é que haja correlação positiva entre o nível de independência das atividades do trabalho e a renda. A variável de independência no trabalho tem seis categorias ordenadas, sendo: 1 – nenhuma independência; e 6 – total independência.

De acordo com Souza e Medeiros (2013), no Brasil, os empregados do setor público tendem a ter rendimentos superiores aos dos trabalhadores do setor privado, inclusive quando se comparam trabalhadores com atributos semelhantes. No caso deste estudo, somente 281 das 315 pessoas responderam sobre o setor de emprego, o que reduziria em demasiado o tamanho da amostra se essa variável fosse incluída na análise. Portanto, mesmo sendo uma variável explicativa importante nas equações mincerianas, esta não foi utilizada nesse estudo.

A despeito de a maior parte da desigualdade de renda entre os indivíduos do país ser explicada por diferenciais de atributos pessoais, as disparidades regionais de renda permanecem elevadas, até mesmo quando tais diferenciais são controlados

(Silveira Neto e Campelo, 2003). Obteve-se uma variável categórica de quatro níveis para macrorregião de residência: Norte e Centro-Oeste (referência); Nordeste; Sudeste; e Sul. Espera-se um coeficiente negativo para o Nordeste e positivo para as demais regiões.

3.3.3 Variáveis explicativas da função de satisfação com a vida

Esta subseção apresenta as variáveis explicativas que foram usadas exclusivamente na equação de satisfação com a vida. Todas estas são comumente utilizadas em estudos sobre os determinantes do bem-estar.

Em geral, as pessoas religiosas tendem a experimentar maior bem-estar (Diener, Diener e Diener, 2009). Para a importância dada à religião, foi obtida uma variável categórica com quatro níveis: não é importante; pouco importante; importante; e muito importante.

Resultados de pesquisas realizadas indicam que o bem-estar subjetivo elevado é consistentemente correlacionado com altos níveis de sociabilidade e qualidade das relações afetivas (Diener e Ryan, 2009). Assim, é razoável supor que exista correlação positiva entre percepção de pertencimento a comunidades e sociabilidade e, consequentemente, entre a primeira e satisfação com a vida. Quatro perguntas do questionário foram utilizadas como *proxy* para pertencimento a comunidades: eu me vejo como um cidadão do mundo; eu me vejo como um cidadão da minha comunidade; eu me vejo como um membro da nação brasileira; e eu me vejo como membro da América Latina. Eram quatro as opções de respostas: 1 – discordo totalmente; 2 – discordo; 3 – concordo; e 4 – concordo totalmente. Algumas das respostas dessas perguntas apresentam correlação elevada e, teoricamente, indicam questões similares. Por esse motivo, a técnica estatística análise de componentes principais (PCA) foi utilizada para redução no número de variáveis, a partir da eliminação de sobreposições e da escolha das formas mais representativas. No caso, foi constatada correlação significativa entre todas as questões referidas anteriormente. Com isso, foi criada a variável *pertencimento a comunidades*, com a média das quatro questões citadas, e obteve-se uma variável ordenada com os mesmos quatro níveis já descritos. A variável *eu me vejo como uma pessoa isolada* não mostrou correlação com as anteriores no PCA e foi mantida em separado como *percepção de isolamento*. Foi confeccionada uma variável categórica ordenada de três níveis: 1 – concordo/concordo totalmente (referência); 2 – discordo; e 3 – discordo totalmente. A solidão percebida é fortemente ligada à depressão (Anderson e Arnoult, 1985). A expectativa, portanto, é que quanto mais o indivíduo se considere uma pessoa isolada, menor satisfação com a vida ele tenda a experimentar.

Segundo Achor (2011), as pessoas que possuem a crença de que suas ações têm um efeito direto sobre os resultados tendem a ser mais bem-sucedidas na vida.

Com relação a esse ponto, foi obtida uma variável ordenada de cinco níveis, em que um quer dizer nenhuma liberdade de escolha e cinco, total liberdade de escolha.

Quanto mais extrovertido e sociável é o indivíduo, maior tende a ser seu nível de bem-estar (Rusting e Larsen, 1997). Assim, obteve-se uma variável categórica de três níveis com relação à questão *eu me vejo como alguém que é extrovertido e sociável*: 1 – discordo totalmente, discordo um pouco, ou nem concordo nem discordo; 2 – concordo um pouco; e 3 – concordo totalmente.

3.4 Estratégia empírica

Problemas de endogeneidade ocorrem em qualquer situação em que uma variável explicativa é correlacionada com o erro (Wooldridge, 2010). Neste estudo, tal correlação pode ocorrer, entre outras possibilidades, por uma causalidade circular, que ocorre quando uma das variáveis explicativas é parcialmente determinada pela variável explicada no modelo. No caso deste trabalho, significa dizer que renda e bem-estar se influenciariam simultaneamente.

As equações a seguir exemplificam isso:

$$y_1 = \phi_1 y_2 + a_0 + a_1 x_1 + \dots + a_n x_n + b_1 w_1 + \dots + b_n w_n + \varepsilon_1 \quad (1)$$

$$y_2 = \phi_2 y_1 + c_0 + c_1 x_1 + \dots + c_n x_n + d_1 l_1 + \dots + d_n l_n + \varepsilon_2 \quad (2)$$

Nas equações (1) e (2), y_1 é a renda; y_2 é a satisfação com a vida; x_i são as variáveis explicativas presentes nas equações da renda e da satisfação; w_i são as variáveis explicativas presentes somente na equação da renda; e l_i são as variáveis explicativas presentes apenas na equação da satisfação.

Caso ocorra a endogeneidade, os estimadores de *mínimos quadrados ordinários* (MQO) são inconsistentes. Foi utilizado o teste de Durbin-Wu-Hausman (DWH), e este acusou problemas de endogeneidade significativos a 5% quando as equações (1) e (2) foram estimadas. Os resultados são mostrados no apêndice A. Assim, optou-se por apresentar os modelos de MQO apenas de forma ilustrativa e para comparações com modelos não enviesados. Para a obtenção de estimativas não enviesadas das equações (1) e (2), estas foram estimadas de forma simultânea, usando-se a regressão de mínimos quadrados em três estágios. Notas em cada uma das tabelas explicam os instrumentos que foram usados.

4 ANÁLISE DESCRITIVA

Nessa seção, são descritos os resultados obtidos na análise descritiva. Inicialmente, discute-se a relação entre renda e satisfação com a vida. Depois, descreve-se a relação entre as variáveis dependentes e as variáveis explicativas na mesma ordem que as variáveis explicativas foram apresentadas na seção anterior. A significância estatística das diferenças entre as categorias de uma variável foi obtida usando-se

testes *t-Student* para variáveis *dummies* e análise de variância (Anova) e testes *ad hoc* Bonferroni para variáveis categóricas, tendo-se como referência 5%.

A tabela 1 mostra a renda média por nível de satisfação com a vida na parte superior e a satisfação com a vida média por nível de renda na parte inferior. É possível observar que a renda média apresenta tendência de crescimento à medida que o nível de satisfação com a vida aumenta, mas apenas até o nível 4. Quando as diferenças foram analisadas do ponto de vista da significância estatística a 5%, usando-se Anova com o teste *ad hoc* Bonferroni, todas as comparações foram não significativas. Com relação ao painel inferior da tabela, aparentemente a satisfação com a vida média também cresce à medida que o nível de renda aumenta, novamente até certo ponto. Assim como no caso anterior, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre nenhum dos níveis de renda que utilizam Anova e teste *ad hoc* Bonferroni a 5%.

TABELA 1
Renda e satisfação com a vida – Brasil (2014)

Renda média por nível de satisfação com a vida		
Nível de satisfação	Renda média	Frequência
Nível 1	3,65	20
Nível 2	4,34	29
Nível 3	4,25	28
Nível 4	4,78	32
Nível 5	4,89	61
Nível 6	4,59	32
Nível 7	4,69	112
Total	4,59	314
Satisfação com a vida média por nível de renda		
Nível de renda	Satisfação com a vida média	Frequência
Nível 1	4,88	25
Nível 2	4,36	28
Nível 3	4,71	31
Nível 4	4,76	45
Nível 5	5,31	88
Nível 6	5,06	51
Nível 7	5,11	27
Nível 8	5,47	19
Total	5	314

Fonte: WVS (2014). Disponível em: <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV6.jsp>. Acesso em: 10 out. 2019.
Obs.: Todas as diferenças entre os níveis foram estatisticamente não significativas.

A tabela 2 mostra a relação entre as variáveis explicativas que aparecem tanto na equação de renda como na equação de satisfação com a vida, e os níveis médios de renda e satisfação com a vida para cada uma das categorias dessas variáveis.

Lembrando que as três primeiras são comumente utilizadas em equações mincerianas e em análises sobre os determinantes do bem-estar, e as três últimas aparecem comumente em estudos sobre os determinantes do bem-estar.

As diferenças entre os sexos tanto para renda como para satisfação com a vida mostraram-se não significativas em testes *t-Student* a 5%. Também não foram observadas diferenças estatisticamente significativas usando-se Anova e teste *ad hoc* Bonferroni a 5% para a idade, tanto para a renda como para a satisfação com a vida. O estado civil não se mostrou significativamente correlacionado com a renda; porém, em termos de bem-estar, os indivíduos casados ou que moram juntos com os parceiros apresentaram níveis maiores de satisfação com a vida, e a diferença foi estatisticamente significativa. Os asteriscos mostram que a diferença é estatisticamente significativa a 5%. Esses resultados apresentados na tabela 2 sugerem que sexo e idade não são determinantes muito relevantes de renda ou de satisfação com a vida. Estado civil parece ser importante para satisfação com a vida. Essa diferença observada para o bem-estar com relação ao estado civil é comumente observada em estudos sobre os determinantes do bem-estar, como discutido anteriormente.

A tabela 2 também mostra os resultados para saúde, importância dada à família e confiança entre as pessoas. Note-se que as três variáveis são comumente utilizadas em estudos sobre o bem-estar e apareceram significativamente correlacionadas com a renda, o que justifica a inclusão em ambas as equações. No que concerne à saúde, os indivíduos com os níveis de saúde bom e muito bom apresentaram médias maiores, tanto na análise dos rendimentos quanto na de satisfação. Ou seja, indivíduos com melhor percepção da própria saúde tendiam a ser mais felizes, e também tinham renda superior. A variável importância atribuída à família não se mostrou significativamente correlacionada com a satisfação com a vida, como inicialmente esperado. No entanto, os indivíduos que classificaram a família como muito importante apresentaram de maneira significativa maiores níveis de renda. Existe a possibilidade de pessoas que dão maior importância à família realizarem mais esforço para gerar renda. Além disso, a renda analisada é a domiciliar, e indivíduos que valorizam mais a família possivelmente têm maior probabilidade de estarem vivendo com um cônjuge que também tem renda.

A variável confiança em pessoas é positivamente correlacionada tanto com renda quanto com satisfação. Pessoas que confiam em indivíduos e instituições tendem a ser mais satisfeitas com a vida, como observado aqui. Além disso, maiores níveis de confiança diminuem os custos de transação, potencialmente impactando positivamente na renda de indivíduos.

TABELA 2
Renda e satisfação médias por variáveis selecionadas – Brasil (2014)

Categoria	Renda média	Satisfação média	Frequência
Sexo			
Mulher	4,52	5,12	103
Homem	4,63	4,94	211
Faixa etária			
25 a 29 anos	4,84	5,14	43
30 a 34 anos	4,38	5,36	39
35 a 39 anos	4,85	4,63	46
40 a 44 anos	4,26	4,82	50
45 a 49 anos	4,69	4,87	49
50 a 54 anos	4,54	5,1	50
55 a 64 anos	4,61	5,21	38
Estado civil			
Divorciado/separado/solteiro/viúvo	4,40	4,62*	114
Casado ou morando junto	4,69	5,22*	200
Saúde			
Ruim/razoável	3,93 ^{m1-2}	4,03 ^{m1-2}	65
Boa	4,76 ^{m2}	5,09 ^{m2}	169
Muito boa	4,76 ^{m1}	5,6 ^{m1}	80
Importância atribuída à família			
Não é importante/pouco importante/importante	3,36 ^{m1}	4,72	36
Muito importante	4,74 ^{m1}	5,04	278
Confiança em pessoas			
Nível 1	4,09 ^{m1}	4,96 ^{m1}	77
Nível 2	4,68	4,67 ^{m1}	117
Nível 3	4,87 ^{m1}	5,06 ^{m1}	83
Nível 4	4,69	6,06 ^{m1}	36

Fonte: WVS (2014). Disponível em: <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV6.jsp>. Acesso em: 10 out. 2019.
 Obs.: * Diferença significativa a 5%.

A tabela 3 mostra os resultados para as variáveis explicativas que são exclusivamente incorporadas à equação da renda. Note-se que nenhuma das variáveis apresenta diferenças significativas entre as categorias com relação à satisfação com a vida e todas estas apresentam diferenças significativas para a renda, o que justifica sua inclusão em uma equação, mas não na outra, além dos pontos teóricos já discutidos.

TABELA 3
Renda e satisfação médias por raça, educação, região e independência no trabalho – Brasil (2014)

Categoria	Renda média	Satisfação média	Frequência
Raça			
Negro	4,36*	5,07	168
Branco	4,84*	4,92	144
Educação			
Fundamental incompleto	3,89 ^{m1-2}	5	91
Médio incompleto	4,40 ^{m1}	4,82	68
Médio completo	4,78 ^{m1-M2}	5,14	88
Superior completo ou incompleto	5,48 ^{M1}	4,98	66
Independência no trabalho			
Nível 1	3,63 ^{m1-2}	4,75	32
Nível 2	4,47	4,82	17
Nível 3	3,53 ^{m2}	4,07	15
Nível 4	4,33	4,8	40
Nível 5	5,05 ^{M2}	4,86	81
Nível 6	4,76 ^{M1}	5,35	129
Região			
Norte/Centro-Oeste	5,42 ^{M1}	5,47	43
Nordeste	3,89 ^{m1-2-3}	4,84	76
Sudeste	4,66 ^{M2}	4,99	143
Sul	4,73 ^{M3}	4,90	52

Fonte: WVS (2014). Disponível em: <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV6.jsp>. Acesso em: 10 out. 2019. Elaboração dos autores.

Obs.: 1. * Diferença significativa a 5%.

2. M/m – diferença significativa a 5%.

Com relação à raça, note-se que os indivíduos brancos apresentaram renda significativamente maior que os negros, como esperado. No que concerne à variável categórica de educação, as comparações entre as categorias quanto às diferenças estatisticamente significativas foram feitas com Anova e teste *ad hoc* de Bonferroni a 5%. Em casos de diferença estatisticamente significativa entre dois níveis, *M* foi utilizado para expressar o nível de maior valor e *m* representa o menor valor. Como múltiplas comparações podem ser feitas entre as categorias, são colocados números para cada uma das comparações. No caso da variável educação, no que tange ao nível de renda, o valor para o nível superior completo ou incompleto é significantemente maior (M1) que para as demais categorias (m1). Além disso, o nível médio completo tem um valor superior (M2) à categoria fundamental incompleto (m2). As demais comparações foram não significativas. Analisam-se também as diferenças entre as categorias de independência nas atividades de trabalho. Os indivíduos dos níveis

mais altos da variável tendiam a ter maior renda (M1 e M2) do que aqueles com menor independência (m1 e m2). Por fim, com relação à variável região geográfica, algumas das diferenças nos valores de renda foram significativas. As regiões Norte/Centro-Oeste (M1), Sudeste (M2) e Sul (M3) apresentaram valores superiores ao Nordeste (m1, m2 e m3). Note-se que as demais comparações, por exemplo, entre Sul e Sudeste, não foram estatisticamente significativas.

A tabela 4 mostra os resultados para as variáveis explicativas que foram usadas exclusivamente na equação de satisfação com a vida. Note-se que as variáveis apresentam diferenças não significativas entre as categorias com relação à renda.

A variável religiosidade não se mostrou significativamente correlacionada com renda, porém indivíduos com níveis maiores de religiosidade tendem a apresentar maior satisfação. Níveis maiores de pertencimento a comunidades são preditores significativos de níveis mais altos de satisfação com a vida, isso, entretanto, não ocorre com a variável renda. A correlação da variável percepção de isolamento foi significativa com a satisfação e não significativa com renda. Indivíduos que se percebem mais isolados tendem a ser menos satisfeitos com a vida. A variável controle e liberdade mostrou-se significativamente correlacionada com satisfação e não correlacionada com renda. Indivíduos com maior controle sobre a própria vida tendem a ser mais satisfeitos com esta. A variável extroversão e sociabilidade revelou-se significativamente correlacionada com satisfação e não correlacionada com renda. Indivíduos mais extrovertidos e sociáveis tendem a ter níveis mais elevados de satisfação com a vida. Todos esses resultados são comumente retratados na literatura especializada, como descrito anteriormente.

TABELA 4

Renda e satisfação médias para variáveis explicativas da equação de satisfação com a vida – Brasil (2014)

Categoria	Renda média	Satisfação média	Frequência
Religiosidade			
Não é importante	4	3,54 ^{m1-2}	13
Pouco importante	4,85	4,19	26
Importante	4,54	5,17 ^{M2}	111
Muito importante	4,63	5,13 ^{M1}	164
Pertencimento a comunidades			
Nível 1	4,19	4,3 ^{m1-2}	47
Nível 2	4,49	4,93	121
Nível 3	4,62	5,2 ^{M2}	76
Nível 4	5	5,4 ^{M1}	70
Percepção de isolamento			
Discordo totalmente	4,67	5,47 ^{m1-2}	108
Discordo	4,51	4,87 ^{M2}	172
Concordo/concordo totalmente	4,72	4,22 ^{M1}	32

(Continua)

(Continuação)

Categoria	Renda média	Satisfação média	Frequência
Controle e liberdade			
Nível 1	4,36	4,11 ^{m1}	19
Nível 2	4,9	4,77	39
Nível 3	4,54	4,50 ^{m1}	52
Nível 4	4,77	4,70	53
Nível 5	4,51	5,47 ^{M1}	150
Extroversão e sociabilidade			
Discordo totalmente/discordo um pouco/não concordo nem discordo	4,3	4,48 ^{m1}	66
Discordo	4,45	4,87	104
Concordo/concordo totalmente	4,82	5,33 ^{M1}	144

Fonte: WVS (2014).

Obs.: M/m – diferença significativa a 5%.

5 RESULTADOS DAS REGRESSÕES

Nesta seção, são apresentados os resultados dos modelos econométricos. A tabela 5 mostra os resultados para a equação da renda, inclusive para a estimação do modelo simultâneo. O modelo 1 inclui apenas a variável satisfação com a vida como explicativa. O modelo 2 apresenta as variáveis apresentadas na tabela 2 e que são comumente utilizadas em equações mincerianas. O modelo incorpora as variáveis discutidas na tabela 3, e também inclui as demais variáveis da tabela 2, comumente utilizadas como determinantes do bem-estar e que apresentaram correlação univariada com a renda. Os dois modelos foram estimados com MQO, mas podem estar enviesados, como sugeriu o teste de DWH. Assim, foi também estimado um modelo simultâneo com as mesmas variáveis explicativas do modelo 2. Note-se, porém, que os resultados dos dois últimos modelos são bastante similares.

Percebe-se que satisfação com a vida foi positivamente correlacionada com a renda no primeiro modelo e se tornou não significativa nos dois últimos, que incluem mais controles e uma estimação não enviesada. Ou seja, outros fatores parecem ser mais decisivos na determinação da renda que o bem-estar.

Os coeficientes das variáveis sexo, faixa etária, estado civil e raça foram não significativos nos modelos. Isso não é esperado em equações mincerianas padrão. Possivelmente, isso ocorreu devido à subjetividade da variável renda utilizada como variável dependente nos modelos. Além disso, o número de observações não é grande.

Diferentemente, os coeficientes das variáveis nível educacional e independência nas atividades de trabalho foram positivos e significativos, indicando que indivíduos com maior escolaridade e independência tinham maiores rendas. Com relação à macrorregião de residência, observou-se que indivíduos no Nordeste tinham menor renda. Todos esses resultados eram os esperados.

Os modelos 2 e simultâneo incorporam variáveis que estão comumente entre os determinantes do bem-estar. Com relação à saúde, os resultados são significativos somente a 10% no modelo 2 para apenas uma categoria, e não significativos no modelo simultâneo, sinalizando que essa variável é mais decisiva como determinante de bem-estar que de renda. As outras duas variáveis foram significativas a 5% e indicam que indivíduos que dão maior importância à família e que confiam mais em outros indivíduos tinham maior renda.

TABELA 5
Modelos com a função de renda – Brasil (2014)

Variáveis	Modelo		
	1	2	Simultâneo
Satisfação	0,107** (0,0542)	0,0576 (0,0541)	0,105 (0,134)
Sexo (homem)	-	0,203 (0,232)	0,231 (0,233)
Faixa etária (referência = 25 a 29 anos)			
30 a 34 anos	-	-0,432 (0,386)	-0,443 (0,370)
35 a 39 anos	-	0,166 (0,376)	0,189 (0,364)
40 a 44 anos	-	-0,292 (0,362)	-0,280 (0,347)
45 a 49 anos	-	0,0931 (0,371)	0,104 (0,355)
50 a 54 anos	-	0,0862 (0,367)	0,0773 (0,351)
55 a 64 anos	-	0,273 (0,393)	0,261 (0,376)
Estado civil (casado ou morando junto)	-	-0,113 (0,229)	-0,143 (0,231)
Raça (branco)	-	0,232 (0,206)	0,243 (0,201)
Nível educacional (referência = fundamental incompleto)			
Médio incompleto	-	0,308 (0,287)	0,307 (0,274)
Médio completo	-	0,651** (0,272)	0,651** (0,259)
Superior incompleto ou completo	-	1,189*** (0,303)	1,198*** (0,292)
Independência das atividades (referência = nível 1)			
Nível 2	-	0,605 (0,517)	0,603 (0,494)
Nível 3	-	-0,228 (0,537)	-0,204 (0,518)

(Continua)

(Continuação)

Variáveis	Modelo		
	1	2	Simultâneo
Independência das atividades (referência = nível 1)			
Nível 4	-	0,290 (0,417)	0,298 (0,399)
Nível 5	-	0,950** (0,374)	0,956*** (0,357)
Nível 6	-	0,711** (0,346)	0,694** (0,335)
Região geográfica (referência = Norte/Centro-Oeste)			
Nordeste	-	-1,165*** (0,338)	-1,153*** (0,326)
Sudeste	-	-0,476 (0,317)	-0,466 (0,304)
Sul	-	-0,693* (0,378)	-0,686* (0,361)
Estado de saúde (referência = ruim/razoável)			
Boa	-	0,508* (0,270)	0,451 (0,298)
Muito boa	-	0,267 (0,321)	0,186 (0,374)
Importância atribuída à família			
Muito importante	-	1,063*** (0,314)	1,060*** (0,300)
Confiança em pessoas (referência = nível 1)			
Nível 2	-	0,664** (0,268)	0,668*** (0,256)
Nível 3	-	0,782*** (0,283)	0,777*** (0,270)
Nível 4	-	0,697* (0,358)	0,647* (0,366)
Constante	4,047*** (0,292)	1,834*** (0,663)	1,641** (0,814)
Observações	309	309	309
R-quadrado	0,013	0,274	0,272

Fonte: WVS (2014). Disponível em: <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV6.jsp>. Acesso em: 10 out. 2019.

Obs.: 1. Erros-padrão em parênteses.

2. Significância: *** $p < 0,01$; ** $p < 0,05$; * $p < 0,1$.

3. Os instrumentos utilizados na estimação do modelo simultâneo são as variáveis apresentadas na tabela 6.

A tabela 6 mostra uma análise similar, mas com satisfação com a vida como variável dependente e a renda como variável explicativa. Note-se que os coeficientes para a variável renda apenas foram positivos e significativos no primeiro modelo, aquele que tem menos controles. Ao se incluir variáveis explicativas comumente importantes para determinar os níveis de bem-estar, como nível de saúde, religiosidade e controle sobre a própria vida, os coeficientes para renda tornaram-se não significativos. Ou seja, a renda parece não ser tão decisiva na determinação dos níveis de satisfação com a vida como outros determinantes.

Os demais resultados corroboram em grande maioria o descrito na literatura. Homens, pessoas com idade entre 35 e 39 anos, solteiros/viúvos/separados, pessoas com saúde precária, pessoas não religiosas e pessoas com menos controle sobre a própria vida tinham menores níveis de satisfação com a vida. Além disso, pessoas que consideravam que pertenciam à comunidade, que não se sentiam isoladas, que confiavam nas pessoas e que eram mais extrovertidas e sociáveis tinham maiores níveis de satisfação com a vida. A única variável que não se mostrou como esperado na literatura foi a importância atribuída à família, com coeficientes não significativos.

TABELA 6
Modelos com a função de satisfação com a vida – Brasil (2014)

Variáveis	Modelo		
	1	2	Simultâneo
Renda	0,117** (0,0593)	0,0369 (0,0573)	-0,0397 (0,129)
Sexo (homem)	-	-0,547** (0,240)	-0,548** (0,228)
Faixa etária (referência = 25 a 29 anos)			
30 a 34 anos	-	0,0782 (0,406)	0,0579 (0,389)
35 a 39 anos	-	-0,851** (0,393)	-0,849** (0,375)
40 a 44 anos	-	-0,552 (0,376)	-0,593 (0,364)
45 a 49 anos	-	-0,288 (0,379)	-0,283 (0,362)
50 a 54 anos	-	-0,0929 (0,383)	-0,0873 (0,365)
55 a 64 anos	-	-0,0168 (0,409)	0,00823 (0,392)
Estado civil (casado ou morando junto)	-	0,614*** (0,231)	0,620*** (0,221)
Estado de saúde (referência = ruim/razoável)			
Boa	-	1,085*** (0,278)	1,154*** (0,284)
Muito boa	-	1,549*** (0,326)	1,616*** (0,326)
Religiosidade (referência = não é importante)			
Pouco importante	-	1,277** (0,632)	1,365** (0,613)
Importante	-	1,735*** (0,531)	1,782*** (0,510)
Muito importante	-	1,821*** (0,522)	1,860*** (0,501)

(Continua)

(Continuação)

Variáveis	Modelo		
	1	2	Simultâneo
Controle e liberdade (referência = nível 1)			
Nível 2	-	0,617	0,626
	-	(0,516)	(0,492)
Nível 3	-	0,557	0,551
	-	(0,484)	(0,461)
Nível 4	-	0,767	0,785*
	-	(0,491)	(0,469)
Nível 5	-	1,409***	1,412***
	-	(0,450)	(0,429)
Importância atribuída à família			
Muito importante	-	-0,462	-0,363
	-	(0,346)	(0,362)
Pertencimento à comunidade (referência = nível 1)			
Nível 2	-	0,603*	0,622**
	-	(0,326)	(0,312)
Nível 3	-	0,745**	0,770**
	-	(0,356)	(0,341)
Nível 4	-	0,778**	0,844**
	-	(0,352)	(0,346)
Percepção de isolamento (referência = discordo totalmente)			
Discordo	-	-0,406*	-0,409*
	-	(0,234)	(0,223)
Concordo/concordo totalmente	-	-0,469	-0,414
	-	(0,411)	(0,397)
Confiança em pessoas (referência = nível 1)			
Nível 2	-	-0,0780	-0,0224
	-	(0,280)	(0,279)
Nível 3	-	0,237	0,305
	-	(0,301)	(0,304)
Nível 4	-	0,826**	0,886**
	-	(0,370)	(0,363)
Extroversão e sociabilidade (referência = discordo totalmente/discordo/não discordo e nem concordo)			
Concordo	-	0,233	0,238
	-	(0,289)	(0,276)
Concordo totalmente	-	0,491*	0,511*
	-	(0,275)	(0,264)
Constante	4,474***	1,117	1,190
	(0,294)	(0,811)	(0,784)
Observações	309	309	309
R-quadrado	0,013	0,297	0,292

Fonte: WVS (2014). Disponível em: <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV6.jsp>. Acesso em: 10 out. 2019.

Obs.: 1. Erros-padrão em parênteses.

2. Significância: *** $p < 0,01$; ** $p < 0,05$; e * $p < 0,1$.

3. Os instrumentos utilizados na estimação do modelo simultâneo são as variáveis apresentadas na tabela 5.

6 CONCLUSÃO

Os resultados apresentados neste artigo podem ser interpretados conforme resumo adiante.

- 1) A satisfação com a vida não foi significativamente correlacionada com a renda em modelos que incluíam importantes determinantes da renda; portanto, indivíduos com níveis mais altos de satisfação com a vida, *ceteris paribus*, não estão associados significativamente a níveis mais altos de renda.
- 2) A renda não foi significativamente correlacionada com os níveis de satisfação com a vida em modelos que incluíam importantes determinantes do bem-estar; dessa forma, a obtenção de maiores rendimentos, *ceteris paribus*, não está significativamente associada a níveis mais elevados de satisfação com a vida.
- 3) Foi observada a necessidade de estimar modelos de forma simultânea, devido a problemas de endogeneidade das associações entre renda e satisfação com a vida, uma vez que estimadores MQO não se mostraram consistentes.
- 4) Outras variáveis que não a satisfação com a vida, como nível educacional e a independência nas atividades profissionais, foram mais associadas com a renda. Ainda assim, determinantes do bem-estar, a exemplo da importância dada à família e da confiança nas pessoas, apareceram com associações significativas com a renda.
- 5) Na determinação do bem-estar, outras variáveis que não a renda, como nível de saúde, religiosidade e sentimento de pertencimento, foram mais associadas com a satisfação com a vida.

Tais resultados divergem diretamente do princípio utilitarista que defende a busca pela acumulação indefinida de poder econômico e bens materiais como o principal norteador das tomadas de decisão. Harari (2014) afirma que, de uma perspectiva histórica, nos últimos quinhentos anos, o mais importante questionamento que podemos fazer à história é se a riqueza que a humanidade acumulou nesse período trouxe mais contentamento e felicidade. Para o autor, vivemos em uma realidade na qual a quantidade de opções de escolhas nunca foi tão grande. No entanto, ele levanta o questionamento de quão importante é essa vasta gama de opções se as pessoas não tiverem a capacidade de desfrutá-las, por estarem paralisadas justamente por esse excesso ou se estiverem muito ocupadas correndo irracionalmente atrás de maiores rendimentos financeiros. O questionamento que decorre dos resultados encontrados no artigo é: até que ponto vale a pena renunciar as variáveis que têm se mostrado melhores preditoras de felicidade em troca de uma busca por maiores níveis de renda?

REFERÊNCIAS

- ACHOR, S. **The happiness advantage**: the seven principles of positive psychology that fuel success and performance at work. Nova York: Penguin Random House, 2011.
- ANDERSON, C. A.; ARNOULT, L. H. Attributional style and everyday problems in living: depression, loneliness, and shyness. **Social Cognition**, v. 3, n. 1, p. 16-35, 1985.
- BOLIER, L. *et al.* Positive psychology interventions: a meta-analysis of randomized controlled studies. **BMC Public Health**, v. 13, n. 119, 2013.
- BRICKMAN, P.; COATES, D.; JANOFF-BULMAN, R. Lottery winners and accident victims: is happiness relative? **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 36, n. 8, p. 917-927, ago. 1978.
- CANGUSSU, R. C.; SALVATO, M. A.; NAKABASHI, L. Uma análise do capital humano sobre o nível de renda dos estados brasileiros: MRW *versus* Mincer. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 153-183, 2010.
- CSIKSZENTMIHALYI, M.; NAKAMURA, J. The concept of flow. *In*: CSIKSZENTMIHALYI, M. **Flow and the foundations of positive psychology**. Dordrecht: Springer, 2014. p. 239-263.
- DENEVE, K. M.; COOPER, H. The happy personality: a meta-analysis of 137 personality traits and subjective well-being. **Psychological Bulletin**, v. 124, n. 2, p. 197-229, set. 1998.
- DIENER, E.; BISWAS-DIENER, R. Will money increase subjective well-being? **Social Indicators Research**, v. 57, n. 2, p. 119-169, 1^o fev. 2002.
- DIENER, E.; RYAN, K. Subjective well-being: a general overview. **South African Journal of Psychology**, v. 39, n. 4, p. 391-406, 2009.
- DIENER, E.; SELIGMAN, M. E. P. Beyond money: toward an economy of well-being. **Psychological Science in the Public Interest**, v. 5, n. 1, p. 1-31, 2004.
- DIENER, E.; SUH, E. M. (Ed.). **Culture and subjective well-being**. Cambridge, Estados Unidos: MIT Press, 24 jan. 2003.
- DIENER, E.; DIENER, M.; DIENER, C. Factors predicting the subjective well-being of nations. *In*: DIENER, E. (Ed.). **Culture and well-being**. Dordrecht: Springer, 2009. p. 43-70.
- DIENER, E.; SCOLLON, C. N.; LUCAS, R. E. The evolving concept of subjective well-being: the multifaceted nature of happiness. *In*: DIENER, E. (Ed.). **Assessing well-being**. Dordrecht: Springer, 2009. p. 67-100.

DIENER, E. *et al.* Subjective well-being: three decades of progress. **Psychological Bulletin**, v. 125, n. 2, p. 276, 1999.

DIENER, E. *et al.* Dispositional affect and job outcomes. **Social Indicators Research**, v. 59, p. 229-259, 2002.

EASTERLIN, R. A. Does economic growth improve the human lot? Some empirical evidence. *In*: DAVID, P. A.; REDER, M. W. (Ed.). **Nations and households in economic growth**. Cambridge, Estados Unidos: Academic Press, 1974. p. 89-125.

EASTERLIN, R. *et al.* The happiness-income paradox revisited. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 107, n. 52, p. 22463-22468, out. 2010.

EMMONS, R.; DIENER, E. Factors predicting satisfaction judgments: a comparative examination. **Social Indicators Research**, v. 16, p. 157-167, 1985.

FREY, B. S.; STUTZER, A. What can economists learn from happiness research? **Journal of Economic Literature**, v. 40, n. 2, p. 402-435, jun. 2002.

FRIJTERS, P.; BEATTON, T. The mystery of the U-shaped relationship between happiness and age. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 82, n. 2-3, p. 525-542, maio 2012.

HARARI, Y. **Sapiens: a brief history of humankind**. Nova York: Penguin Random House, 2014.

HECKMAN, J. J.; LOCHNER, L. J.; TODD, P. E. Earnings functions, rates of return and treatment effects: the Mincer equation and beyond. *In*: HANUSHEK, E.; WELCH, F. (Ed.). **Handbook of the economics of education**, 2006. v. 1, p. 307-458.

JAHODA, M. **Current concepts of positive mental health**. Nova York: Basic Books; Hachette Book Group, 1958.

KAHNEMAN, D. Objective happiness. *In*: KAHNEMAN, D.; DIENER, E.; SCHWARZ, N. (Ed.). **Well-being: the foundations of hedonic psychology**. Nova York: Russell Sage Foundation, 1999.

LAYARD, P. R. G. **Happiness: has social science a clue?** Londres: Centre for Economic Performance, 2003.

LEMIEUX, T. The “Mincer equation” thirty years after schooling, experience, and earnings. *In*: GROSSBARD, S. (Ed.). **Jacob Mincer: a pioneer of modern labor economics**. Boston: Springer, 2006.

LEVINE, M. **The positive psychology of Buddhism and yoga: paths to a mature happiness**. Abingdon: Routledge, 2011.

LUCAS, R. E. *et al.* Reexamining adaptation and the set point model of happiness: reactions to changes in marital status. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 84, n. 3, p. 527-539, mar. 2003.

LYUBOMIRSKY, S.; KING, L.; DIENER, E. The benefits of frequent positive affect: does happiness lead to success? **Psychological Bulletin**, v. 131, n. 6, p. 803-855, 2005.

MAGNUS, K.; DIENER, E. A longitudinal analysis of personality, life events, and subjective wellbeing. *In*: ANNUAL MEETING OF THE MIDWESTERN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 63., 1991, Chicago, Illinois. **Anais...**, Chicago: MPA, 1991.

MARKS, G. N.; FLEMING, N. Influences and consequences of well-being among Australian young people: 1980-1995. **Social Indicators Research**, v. 46, n. 3, p. 301-323, mar. 1999.

MICHALOS, A. C. Satisfaction and happiness. **Social indicators Research**, v. 8, n. 4, p. 385-422, 1980.

MINCER, J. **Schooling, experience, and earnings**. Cambridge, Estados Unidos: NBER, 1974.

NUNES, C. H. S. da S. **Construção, normatização e validação das escalas de socialização e extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores**. 2005. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

POLACHEK, S. Earnings over the life cycle: the Mincer earnings function and its applications. **Foundations and Trends in Microeconomics**, v. 4, n. 3, p. 165-272, 2008.

RØYSAMB, E. *et al.* Happiness and health: environmental and genetic contributions to the relationship between subjective well-being, perceived health, and somatic illness. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 85, n. 6, p. 1136-1146, dez. 2003.

RUSTING, C. L.; LARSEN, R. J. Extraversion, neuroticism, and susceptibility to positive and negative affect: a test of two theoretical models. **Personality and Individual Differences**, v. 22, n. 5, p. 607-612, maio 1997.

SELIGMAN, M. E. P. Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. *In*: SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. (Ed.). **Handbook of positive psychology**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 3-12.

SELIGMAN, M. E. P. **Authentic happiness**: using the new positive psychology to realize your potential for lasting fulfillment. Nova York: Simon and Schuster, 2004.

SILVEIRA NETO, R. da M.; CAMPELO, A. K. Radiografando as disparidades regionais de renda no Brasil: evidências a partir de regressões quantílicas. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 34, n. 3, p. 359-378, 2003.

SOUZA, P. H. G. F.; MEDEIROS, M. Diferencial salarial público-privado e desigualdade de renda *per capita* no Brasil. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 5-28, 2013.

STAW, B. M.; SUTTON, R. I.; PELLED, L. H. Employee positive emotion and favorable outcomes at the work place. **Organization Science**, v. 5, n. 1, p. 51-71, fev. 1994.

THORESEN, C. *et al.* The affective underpinnings of job perceptions and attitudes: a meta-analytic review and integration. **Psychological Bulletin**, v. 129, n. 6, p. 914-945, nov. 2003.

URRY, H. *et al.* Making a life worth living: neural correlates of well-being. **Psychological Science**, v. 15, n. 6, p. 367-372, jun. 2004.

VAZ, F. M. A desigualdade de rendimentos do trabalho segundo a PNAD de 2008. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, Brasília, n. 41, p. 21-25, nov. 2009.

VILELA, E. **Imigração internacional e estratificação no mercado de trabalho brasileiro**. 2008. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia e Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

WOOLDRIDGE, J. M. **Econometric analysis of cross section and panel data**. Cambridge, Estados Unidos: MIT Press, 2010.

BIBIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DIENER, E.; BISWAS-DIENER, R. **Rethinking happiness: the science of psychological wealth**. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2008.

EMMONS, R. A. **Thanks!:** how the new science of gratitude can make you happier. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1ª jan. 2007.

HECKMAN, J. J.; LOCHNER, L. J.; TODD, P. E. **Fifty years of Mincer earnings regressions**. Cambridge, Estados Unidos: NBER, maio 2003. (Working Paper, n. 9732).

LUCAS, R. E.; DIENER, E.; SUH, E. Discriminant validity of well-being measures. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 71, n. 3, p. 616-628, set. 1996.

POST, S. G. Altruism, happiness, and health: it's good to be good. **International Journal of Behavioral Medicine**, v. 12, n. 2, p. 66-77, 2005.

VILELA, T.; ARAÚJO, E.; RIBEIRO, E. Análise do diferencial de renda do trabalho em 2008 entre diferentes gerações de trabalhadores no Brasil. **Revista Economia**, v. 13, n. 2, p. 385-414, maio-ago. 2012.

APÊNDICE A

RESULTADOS DO TESTE DE DURBIN-WU-HAUSMAN

TABELA A.1

Teste de Durbin-Wu-Hausman (DWH) para a função renda – Brasil (2014)

Variáveis	Primeiro modelo	Segundo modelo
Resíduo da primeira equação	-	-1,471***
	-	(0,280)
Satisfação	-	1,469***
	-	(0,279)
Renda	0,0698	-
	(0,0655)	-
Sexo (homem)	-0,614**	0,873***
	(0,253)	(0,292)
Faixa etária (referência = 25 a 29 anos)		
30 a 34 anos	0,277	-0,469
	(0,426)	(0,407)
35 a 39 anos	-0,492	0,776*
	(0,413)	(0,418)
40 a 44 anos	-0,225	-0,0722
	(0,399)	(0,385)
45 a 49 anos	-0,236	0,411
	(0,408)	(0,384)
50 a 54 anos	0,183	-0,147
	(0,404)	(0,385)
55 a 64 anos	0,243	-0,0781
	(0,432)	(0,415)
Estado civil (casado ou morando junto)	0,615**	-0,888***
	(0,249)	(0,294)
Raça (branco)	-0,321	-
	(0,227)	-
Nível educacional (referência = fundamental incompleto)		
Médio incompleto	-0,0277	-
	(0,317)	-
Médio completo	-0,0780	-
	(0,302)	-
Superior incompleto ou completo	-0,399	-
	(0,342)	-

(Continua)

(Continuação)

Variáveis	Primeiro modelo	Segundo modelo
Independência das atividades (referência = nível 1)		
Nível 2	0,113 (0,570)	- -
Nível 3	-0,587 (0,591)	- -
Nível 4	-0,156 (0,460)	- -
Nível 5	-0,155 (0,416)	- -
Nível 6	0,369 (0,384)	- -
Região geográfica (referência = Norte/Centro-Oeste)		
Nordeste	-0,283 (0,380)	- -
Sudeste	-0,203 (0,350)	- -
Sul	-0,140 (0,418)	- -
Estado de saúde (referência = ruim/razoável)		
Boa	1,163*** (0,291)	-0,781* (0,417)
Muito boa	1,696*** (0,339)	-1,548*** (0,557)
Importância atribuída à família		
Muito importante	0,0210 (0,353)	1,229*** (0,339)
Confiança em pessoas (referência = nível 1)		
Nível 2	-0,121 (0,298)	0,955*** (0,280)
Nível 3	0,0611 (0,315)	0,753** (0,297)
Nível 4	1,010** (0,392)	-0,740 (0,463)
Constante	3,973*** (0,701)	-4,371*** (1,317)
Observações	309	309
R-quadrado	0,195	0,237

Fonte: WVS (2014). Disponível em: <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV6.jsp>. Acesso em: 10 out. 2019.
Obs.: 1. Erros-padrão em parênteses.

2. Significância: *** $p < 0,01$; ** $p < 0,05$; e * $p < 0,1$.

3. Incluídos controles de religiosidade, controle e liberdade, pertencimento e comunidade, bem como de percepção de isolamento, no segundo modelo.

TABELA A.2
Teste de DWH para a função satisfação – Brasil (2014)

Variáveis	Primeiro modelo	Segundo modelo
Resíduo da primeira equação	-	-1,496***
	-	(0,289)
Renda	-	1,491***
	-	(0,281)
Satisfação	0,0403	-
	(0,0625)	-
Sexo (homem)	0,0144	-0,635***
	(0,253)	(0,242)
Faixa etária (referência = 25 a 29 anos)		
30 a 34 anos	-0,285	0,865**
	(0,424)	(0,423)
35 a 39 anos	0,0639	-0,614
	(0,414)	(0,396)
40 a 44 anos	-0,512	0,452
	(0,394)	(0,403)
45 a 49 anos	0,0920	-0,373
	(0,397)	(0,391)
50 a 54 anos	0,0792	-0,000837
	(0,400)	(0,388)
55 a 64 anos	0,307	-0,0986
	(0,427)	(0,419)
Estado civil (casado ou morando junto)	0,0491	0,493**
	(0,245)	(0,240)
Estado de saúde (referência = ruim/razoável)		
Boa	0,840***	-0,0668
	(0,294)	(0,366)
Muito boa	0,790**	0,498
	(0,350)	(0,399)
Religiosidade (referência = não é importante)		
Pouco importante	0,919	-
	(0,663)	-
Importante	0,474	-
	(0,565)	-
Muito importante	0,379	-
	(0,557)	-
Controle e liberdade (referência = nível 1)		
Nível 2	0,0557	-
	(0,540)	-
Nível 3	-0,0712	-
	(0,506)	-
Nível 4	0,200	-
	(0,515)	-
Nível 5	-0,00227	-
	(0,478)	-

(Continua)

(Continuação)

Variáveis	Primeiro modelo	Segundo modelo
Importância atribuída à família		
Muito importante	1,293*** (0,354)	-1,872*** (0,497)
Pertencimento à comunidade (referência = nível 1)		
Nível 2	0,189 (0,342)	-
Nível 3	0,254 (0,374)	-
Nível 4	0,699* (0,368)	-
Percepção de isolamento (referência = discordo totalmente)		
Discordo	-0,0374 (0,245)	-
Concordo/concordo totalmente	0,560 (0,429)	-
Confiança em pessoas (referência = nível 1)		
Nível 2	0,715** (0,289)	-1,063*** (0,338)
Nível 3	0,853*** (0,310)	-1,053*** (0,370)
Nível 4	0,724* (0,387)	0,00745 (0,422)
Extroversão e sociabilidade (referência = discordo totalmente/discordo/não discordo e nem concordo)		
Concordo	0,0577 (0,302)	-
Concordo totalmente	0,233 (0,288)	-
Constante	1,085 (0,847)	0,729 (0,917)
Observações	309	309
R-quadrado	0,161	0,266

Fonte: WVS (2014). Disponível em: <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV6.jsp>. Acesso em: 10 out. 2019. Elaboração dos autores.

Obs.: 1. Erros-padrão em parênteses.

2. Significância: *** $p < 0,01$; ** $p < 0,05$; e * $p < 0,1$.

3. Incluídos controles de cor, nível educacional, independência das atividades, bem como de região geográfica, no segundo modelo.

Originais submetidos em: jan. 2021.

Última versão recebida em: ago. 2024.

Aprovada em: ago. 2024.

